

Os possíveis papéis do psicólogo clínico diante do diagnóstico diferencial do tea: uma perspectiva teórico-prática
The possible roles of the clinical psychologist in the face of the differential diagnosis of ASD: a theoretical-practical perspective

Marcos Vitor Costa Castelhana¹

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que ganha cada vez mais destaque através dos ensaios de pesquisa e dos enfoques clínicos e metodológicos vigentes na contemporaneidade, surgindo discussões e diálogos inter e multidisciplinares perante as contingências diagnósticas. No contexto do diagnóstico diferencial, observa-se que os critérios avaliativos devem ser bem definidos frente das constantes expressividade presentes nas competências do desenvolvimento da linguagem e da interação social, levando em consideração as disposições comportamentais e cognitivas, evitando possíveis confissões perante dos demais transtornos do neurodesenvolvimento. Partindo desse pressuposto, Locatelli e Santos afirmam que o psicólogo é um dos profissionais fundamentais no planejamento interventivo perante dos sujeitos com diagnóstico de autismo, objetivando, acima de tudo, o desenvolvimento de habilidades e superação das limitações a partir de metodologias pautadas no aporte inclusivo, promovendo o bem-estar e autonomia. Diante dos elementos supracitados, o presente estudo discorre sobre os possíveis papéis do psicólogo clínico diante do aporte diagnóstico diferencial, enfatizando como as suas intervenções e aplicações metodológicas podem participar desse processo explicativo de maneira elucidada, considerando os diferentes modelos teórico-práticos envolvidos. Para isso, valeu-se do método de revisão narrativa para coletar dados, informações e argumentações através de artigos científicos, capítulos de livro, revisões e obras acadêmicas, lapidando a produção acadêmica em questão em suas entrelinhas tópicas. O presente estudo enfatizou que o psicólogo clínico apresenta um papel significativo no acolhimento, tratamento, intervenção do TEA, sendo um dos profissionais essenciais nas prerrogativas informacionais e teórico-práticas do diagnóstico diferencial, visto que conserva conhecimentos e metodologias pertinentes no entendimento aprofundado no quadro clínico de cada sujeito em suas vivências no setting terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: TEA. Psicologia. Diagnóstico Diferencial. Clínica.

ABSTRACT: Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a condition that is gaining more and more prominence through research essays and clinical and methodological approaches in force in contemporary times, resulting in inter and multidisciplinary discussions and dialogues in the face of diagnostic contingencies. In the context of the differential diagnosis, it is observed that the evaluative criteria must be well defined in view of the constant expressiveness present in the skills of language development and social interaction, taking into account the behavioral and cognitive dispositions, avoiding possible confessions in the face of other disorders of the neurodevelopment. Based on this assumption, Locatelli and Santos state that the psychologist is one of the key professionals in intervention planning for subjects diagnosed with autism, aiming, above all, at developing skills and overcoming limitations based on methodologies based on inclusive support, promoting well-being and autonomy. Given the aforementioned elements, this study discusses the possible roles of the clinical psychologist in the face of differential diagnosis, emphasizing how their interventions and methodological applications can participate in this explanatory process in an enlightened way, considering the different theoretical-practical models involved. For this, it used the narrative review method to collect data, information and arguments through scientific articles, book chapters, reviews and academic works, polishing the academic production in question in its topical lines. The present study emphasized that the clinical psychologist plays a significant role in the reception, treatment, intervention of ASD, being one of the essential professionals in the informational and theoretical-practical prerogatives of the differential diagnosis, since it retains relevant knowledge and methodologies in the in-depth understanding of the clinical picture of each subject in their experiences in the therapeutic setting.

KEYWORDS: TEA. Psychology. Differential diagnosis. Clinic.

¹ Graduado em Bacharelado em Psicologia no Centro Universitário de Patos (UNIFIP). Pós-graduado em Teoria Psicanalítica (FAVENI), em Psicopatologia (Faculdade Serra Geral), em Psicologia Clínica (FACEMINAS), em Saúde Mental (FAVENI). Mestrando em Ciências da Educação pelo World University Ecumenical (WUE).

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que ganha cada vez mais destaque através dos ensaios de pesquisa e dos enfoques clínicos e metodológicos vigentes na contemporaneidade, surgindo discussões e diálogos inter e multidisciplinares perante das contingências diagnósticas (SCHWARTZMAN, 2011).

No contexto do diagnóstico diferencial, observa-se que os critérios avaliativos devem ser bem definidos frente das constantes expressividade presentes nas competências do desenvolvimento da linguagem e da interação social, levando em consideração as disposições comportamentais e cognitivas, evitando possíveis confusões perante dos demais transtornos do neurodesenvolvimento (ASSUMPÇÃO JR; KUCZUNSKI, 2011).

Partindo desse pressuposto, Locatelli e Santos (2016) afirmam que o psicólogo é um dos profissionais fundamentais no planejamento interventivo perante dos sujeitos com diagnóstico de autismo, objetivando, acima de tudo, o desenvolvimento de habilidades e superação das limitações a partir de metodologias pautadas no aporte inclusivo, promovendo o bem-estar e autonomia.

Diante dos elementos supracitados, o presente estudo discorre sobre os possíveis papéis do psicólogo clínico diante do aporte diagnóstico diferencial, enfatizando como as suas intervenções e aplicações metodológicas podem participar desse processo explicativo de maneira elucidada, considerando os diferentes modelos teórico-práticos envolvidos.

Para isso, valeu-se do método de revisão narrativa para coletar dados, informações e argumentações através de artigos científicos, capítulos de livro, revisões e obras acadêmicas, lapidando a produção acadêmica em questão em suas entrelinhas tópicas.

Sendo assim, exposto o objetivo central e as exposições introdutórias desse trabalho, segue as demais pontuações dissertativas-argumentativas do referido trabalho, promovendo reflexões e difusões de saberes e práticas do psicólogo no diagnóstico diferencial.

DESENVOLVIMENTO

As primeiras elaborações sobre o TEA começaram a ganhar expressões sistemáticas através dos estudos Leo Kanner, a partir da década de 1940, objetivando uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por expressões estereotípicas, ecolalia, comportamentos restritivos e dificuldades interpessoais significativas (SCHWARTZMAN, 2011).

Segundo Facion (2008), para descrever a condição autística foi denominada de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo caracterizado como um quadro psicótico divergente das sintomatologias e expressões da esquizofrenia, dado que os aspectos da desorganização do pensamento, alucinações e delírios não fazem parte de sua estrutura central.

Nesse sentido, os quadros clínicos do autismo, em um primeiro momento, eram visualizados a partir do diagnóstico diferencial nos campos da psicose, superando tal conjectura por via dos estudos sistemáticos e experienciais de Ritvo, visualizando as expressões comportamentais e interativas dos sujeitos autistas frente das repercussões ocasionadas por déficits cognitivos de natureza inata (FACION, 2008).

Seguindo tal raciocínio, muitos outros estudos enfocaram nas possíveis formas investigações dos campos autísticos, desenvolvendo perspectivas explicativas, formatações de tratamento e modelos categorias-diagnóstico, tendo grande influência das pesquisas de Wing, responsável pela observação dos casos de autismo por meio da ideia de *spectrum ou continuum*, ou seja, enfatizando que existem diversas maneiras de expressões das caracterizações do autismo, influenciando, sobretudo, na noção atual do TEA (SCHWARTZMAN, 2011).

Entre as noções levantadas por Wing, as expressões, comportamentos e processamento de informações no *spectrum* autístico girariam em torno de três campos centrais, como esboçado no quadro a seguir:

Quadro 1- Os campos expressivos visualizados nos sujeitos com TEA ao longo do seu desenvolvimento

Dificuldades elaborativas nas interações sociais	Algumas caracterizações centrais dos sujeitos com TEA giram em torno das dificuldades em lapidar e consolidar vínculos sociais e relações afetivas significativas, coexistindo um certo distanciamento na elaboração de interações sociais frequentes e expressivas.
Atrasos no desenvolvimento da linguagem	O atraso no desenvolvimento linguístico é um dos fatores mais comuns na avaliação do TEA, englobando os aspectos linguísticos verbais e/ou não-verbais, associando-se aos sinais comportamentos esboçados nas atividades cotidianas.

Limitações nas expressões em jogos simbólicos	Dentro dos estudos de Wing, as habilidades criativas e simbólicas são afetadas de forma significativa frente das condições autísticas, principalmente quando observado os jogos e brincadeiras imaginativas, a exemplo do faz-de-conta.
---	---

Fonte: Baseado em Facion (2008).

Perante do apresentado, avista-se que na perspectiva wingiana, extremamente pertinente para os estudos clínicos e epistemológicos do autismo em sua amplitude, os aspectos sociais-afetivos, linguísticos e simbólicos formam uma tríade fundamental para compreender as limitações, sinais e desenvolvimento do sujeito com diagnóstico de TEA.

Ainda sob a ótica descritiva, avista-se, sobretudo pela a sua vasta formatação constitutiva, que o TEA um dos grandes desafios multi e interdisciplinares na atualidade, sobretudo no campo diagnóstico e do tratamento, revelando a pertinência dos estudos explicativos e dialógicos para os profissionais envolvidos nas diretrizes teórico-práticas e propriamente interventivas (MONTENEGRO; CELERI; CASELLA, 2018).

Destarte, a importância do diagnóstico do TEA é imensurável perante das lapidações do tratamento especializado, do acolhimento profissional e das possíveis formas de reabilitação perante das entrelinhas da inclusão social, enfatizando que a exposição diagnóstica acertada pode influir positivamente nas resultantes terapêuticas abordadas (ONZI; GOMES, 2015).

Para aperfeiçoar a constante diagnóstica, vem se desenvolvendo diferentes formas de avaliação do autismo em suas idiossincrasias, a exemplo do aconselhamento genético clínico, mencionado por Griesi-Oliveira e Sertié (2017), as análises comportamentais aplicadas, trazidas por Sella e Ribeiro (2018), o aperfeiçoamento das constantes categoriais-psiquiátricas, abordadas por Côrtes; De Albuquerque (2020), entre outros.

Antes de abordar os critérios e possíveis diagnósticos diferenciais do TEA, segue a tabela com os 12 sinais cardeais do autismo, trazidos por Facion (2008), em sua obra sobre os transtornos do neurodesenvolvimento e do comportamento, como exposto a seguir:

Quadro 2- Os sinais cardeais do TEA

1- Não se relaciona com outras crianças, apresentando dificuldades significativas voltadas a interação social e lapidação de vínculos afetivos.
2- Comporta-se como se fosse surda, apresentando hiper ou hiporeatividade aos estímulos sensoriais, sobretudo com os estímulos auditivos. r
3- Resistência ao aprendizado e determinadas regras presentes em ambientes sociais, como escolas, ambiente familiar e outros lugares de integração social.
4- Não demonstra medo de perigos reais.
5- Evita sistematicamente a mudança de hábitos e rotinas, seguindo um padrão comportamental e cotidiano específico.
6- Utilização de outras pessoas como ferramentas com objetivo de conseguir objetivos e/ou realizar tarefas cotidianas.
7- Manifesta risos e movimentos atípicos diante de situações sociais e diárias.
8- Uma das características comuns nos indivíduos com TEA é a resistência ao contato físico.
9- Resistência e excitações constantes atreladas ao contato visual diante da comunicação interpessoal.
10- Outra característica constante observada no TEA é a presença de uma acentuada hiperatividade física e mental em determinados contextos.
11- Por vezes, o sujeito pode apresentar a agressividade e comportamentos destrutivos de forma constante e intensificada.

Fonte: Lapidado por meio de Facion (2008)

A partir do esboçado, avista-se que o TEA abarca um conjunto de funcionamentos, comportamentos e expressões do neurodesenvolvimento de forma específica, agrupando sinais e estruturas singulares, lembrando, como já mencionado, que o autismo podem esboçar diferentes constituições e formatações, quando considerado a ideia de *spectrum*.

Mencionados os aspectos centrais do TEA, inicia-se as exposições sobre o diagnóstico diferencial, pontuando a importância do psicólogo nesse processo elucidativo.

Para Rosemberg (2011), em seu trabalho sobre a história do autismo, o autismo engloba empasses e superações teórico-práticas fundamentais, uma vez que suas esquemáticas começaram a se tornar mais abrangentes através da diferenciação entre as psicoses e o TEA, levando em consideração que o pensamento kanneriano já trazia tais empasses em seus primeiros trabalhos sobre as condições autísticas.

Um dos primeiros autores a tratar dessa distinção diagnóstica foi Ritvo, visto que é um dos teóricos-cientistas que defendem a noção da etiologia do autismo por via de possíveis déficits cognitivos, categorizando-a como uma condição neurofisiológico congênita-inata, indo de encontro com as perspectivas psicogênicas (ASSUMPÇÃO JR, 1997).

Tal descrições foram essenciais, tendo em vista que os pressupostos explicativos começaram enfatizar, cada vez de forma mais sistemática e significativa, as diferenciações centrais entre o autismo e as psicoses, sobretudo no campo da infância e adolescência, definindo de maneira abrangente os campos e características centrais dos quadros autísticos (ASSUMPÇÃO JR; PIMENTEL, 2000).

Destarte, Kupfer (2000), em sua perspectiva de ênfase psicanalítica, aborda que os estudos sobre o autismo caminham para uma perspectiva conjuntiva de que o TEA se enquadra em uma condição estrutural diferente da psicose, em que o autor aborda a diferenciação entre os aspectos potenciais entre a função materna e paterna do desenvolvimento infantil, mas especificamente na primeira infância.

Todavia, pontua-se que existem divergências entre os modelos etiológicos psicodinâmicos e as modalidades congênitas de base inatista, existindo diferentes óticas e possíveis motivações para a consolidação do quadro clínico do TEA, sendo uma temática ainda observação e pesquisa a partir das mais variadas metodologias e enfoques científicos, assim como aborda Bandim, Sougey e Carvalho (1995).

No contexto do diagnóstico diferencial, Assumpção Jr e Kuczunski (2011) afirmam que a compreensão dos elementos centrais do autismo faz essencial nas formulações diagnósticas, levantando padrões e critérios clínicos definidos para diferir os quadros autísticos diante dos demais transtornos do neurodesenvolvimento.

Além disso, considera-se que a identificação precoce do autismo, partindo dos parâmetros do diagnóstico diferencial, influi positivamente no tratamento, acolhimento e inclusão do sujeito com TEA, nascendo, a partir dessa ótica, variados panoramas identificativos no âmbito temático-diagnóstico (PIRES, 2012).

Exemplificando as ideias acima, Souza (2021), em seu estudo comparativo-diferencial entre TEA e o Distúrbio Específico de Linguagem (DEL), aborda que o diagnóstico diferencial do TEA, quando conjuntado com os diferentes distúrbios linguísticos, existe a predominância de atraso na linguagem acompanhados por déficits significativos nas áreas interacionais-afetivas e cognitivas, existindo um comprometimento maior quando comparado com os indivíduos com DEL.

Para Homem e colaboradores (2021), existem diferentes metodologias e práticas investigativas pertinentes no diagnóstico diferencial do TEA, porém, afirma-se que, não coexistem modelos absolutos e unitários, enfatizando a importância do olhar crítico e manejo clínico nos desdobramentos de cada caso, revelando que os conhecimentos teórico-práticos são imprescindíveis para uma colocação diagnóstica assertiva.

Adentrando a importância do psicólogo no manejo e investigação do diagnóstico de TEA, aborda-se que o psicólogo é um dos profissionais fundamentais no tratamento e manejo clínico de sujeitos com TEA, influenciando em intervenções terapêuticas assertivas e abrangentes perante das habilidades e dificuldades inter e intrapessoais (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

Segundo De Souza e Juliani (2008), em sua obra baseada nas interações entre a Psicologia e o autismo, sobretudo nos campos da intervenção analítica comportamental, o psicólogo participa ativamente nas resultantes práticas do tratamento dos sujeitos com diagnóstico de TEA, coadunando os seus saberes e execuções nas intervenções sistemáticas perante do desenvolvimento de competências e habilidades significativas nos campos linguísticos, sociais, cognitivos e afetivos.

Desse modo, o psicólogo clínico, partindo das intercepções técnicas e propriamente vivenciais, participa da construção contínua do vínculo terapêutico diante do sujeito com o diagnóstico de TEA, tendo o acolhimento e inclusão como aspectos essenciais no desenvolvimento das habilidades intra e interpessoais ao longo de toda a jornada psicoterápica, pondo a ludicidade enquanto medida interventiva (MARQUES; ARRUDA, 2007).

Seguindo o estudo de caso apresentado por Marques e Arruda, partido dos pressupostos teórico-práticos de natureza psicodinâmica, observaram-se que o psicólogo clínico pode participar de diferentes desenvolvimentos do sujeito com TEA, como exposto no quadro a seguir:

Quadro 3- Desenvolvimentos, habilidades e pontuações abarcadas pelo sujeito com TEA no processo clínico-psicológico de natureza psicodinâmica

1- A maneira como sujeito com TEA interage com o setting terapêutico é fundamental para visualizar as suas entrelinhas subjetivas e estruturais, revelando a pertinência da organização e planejamento adequado do espaço para o desenvolvimento das intervenções técnicas.
2- Ao longo dos atendimentos psicológicos se faz essencial trabalhar as diferenciações entre o eu e não eu, uma vez que as limitações nas distinções personalísticas representam algumas dos vetores contingenciais comuns nos quadros clínicos de TEA, levando em consideração as suas amplitudes contratuais.
3- O processo de construção e estruturação da identidade do sujeito é considerado por esses autores um dos elementos centrais a serem trabalhos durante a jornada psicoterápica, dado que as lapidações das singularidades e da autonomia beneficiam as edificações inter e intrapessoais do indivíduo em constante transformação.
4- Marques e Arruda abordam que o psicólogo, sobretudo a ênfase psicodinâmica, ocupa nas vinculações transferenciais o papel de holding materno, facilitando, em um certo sentido, as interações afetivas no processo de acolhimento.

Fonte: Baseado em Marques e Arruda (2007).

Partindo do levantado, aborda-se que o psicólogo, em seu manejo clínico, acolhe o sujeito para além de suas determinações diagnósticas, utilizando-se de uma abordagem afetiva e acolhedora para dialogar com as expressões do quadro clínico em suas singularidades instanciais, pontuando também a pertinência dos manejos vinculares-transferenciais e das estruturações e configurações do setting terapêutico.

Nesse sentido, destaque-se que as considerações metodológicas e os aspectos teórico-práticos trazidos pelo psicólogo em seus arcabouços científicos, profissionais e experienciais são fundamentais para a consolidação do diagnóstico diferencial perante das contextualizações do TEA, reiterando que existem diferentes abordagens e modelos técnicos, indo além de qualquer integração unilateral.

Para finalizar, apercebe-se que o psicólogo clínico domina elementos técnicos e científicos essenciais para as contextualizações diagnósticas diferenciais do TEA, promovendo um olhar crítico e assertivo dentro e fora das óticas inter e multidisciplinares no âmbito do tratamento e acolhimento das diferentes expressões estruturais e contingenciais nas condições autísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo enfatizou que o psicólogo clínico apresenta um papel significativo no acolhimento, tratamento e intervenção do TEA, sendo um dos profissionais essenciais nas prerrogativas informacionais e teórico-práticas do diagnóstico diferencial, visto que conserva conhecimentos e metodologias pertinentes no entendimento aprofundado no quadro clínico de cada sujeito em suas vivências no setting terapêutico.

Outro ponto enfático gira em torno da necessidade da difusão e consolidação de abordagens multi e interdisciplinares, dado que o psicólogo juntamente com outros profissionais, a exemplo dos médicos especialistas, psicopedagogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, entre outros, devem participar de forma dialógica e interativa nos planejamentos e intervenções terapêuticas, englobando, sobretudo, as construções e sentidos abarcados pelos diagnósticos diferenciais.

Para estudos futuros, propõem-se estudos sistemáticos e experienciais capazes de elucidar como os direcionamentos do diagnóstico diferencial podem funcionar no âmbito executório, elucidando cada vez mais a importância teórico-prática do psicólogo clínico diante dos desdobramentos técnicos e vivenciais na conclusão diagnóstica do TEA.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. Distúrbios globais do desenvolvimento. **Estilos da Clínica**, v. 2, n. 3, p. 103-110, 1997.

ASSUMPÇÃO JR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 37-39, 2000.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista; KUCZUNSKI, Evelyn. Diagnóstico diferencial psiquiátrico no autismo. **Revista Debates em Psiquiatria**, n. 3 p. 12-19, 2011.

BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tércio Fábio Ramos de. Autismo: características clínicas, curso e tratamento. **J. bras. psiquiatr**, p. 649-54, 1995.

CÔRTEZ, Maria do Socorro Mendes; DE ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha. Contribuições para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista: de Kanner ao DSM-V. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 3, n. 7, p. 864-880, 2020.

DE SOUZA, Rodrigo Dal Ben; JULIANI, João. Psicologia e autismo. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 29, n. 56, p. 139-152, 2018.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. Einstein (São Paulo), v. 15, p. 233-238, 2017.

HOMEM, Karina Lopes et al. Importância do diagnóstico diferencial no Tratamento do Transtorno do Espectro do autismo (TEA), Transtorno do Desenvolvimento de Linguagem (TDL) e Apraxia de Fala na Infância (AFI).Repositório UFMG, 2021.

KINIPPEBERG, Carolina Pinho; GARCIA, Fernanda Santos; MACHADO, Letícia Vier. Autismo e avaliação psicológica: revisão de literatura. **Psicologia & Conexões**, v. 1, n. 1, 2020.

KUPFER, M. Cristina M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**, v. 11, p. 85-105, 2000.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos. Autismo: propostas de intervenção. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 203-220, 2016.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos. Autismo: propostas de intervenção. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 203-220, 2016.

MARQUES, Carla Fernandes Ferreira da Costa; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Autismo infantil e vínculo terapêutico. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 24, p. 115-124, 2007.

MONTENEGRO, Maria Austa; CELERI, Eloisa Helena RV; CASELLA, Erasmo Barbante. **Transtorno do Espectro Autista-TEA: manual prático de diagnóstico e tratamento**. Thieme Revinter Publicações LTDA, 2018.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.

PIRES, Sabrina Maria Ocanha. Identificação precoce do autismo e diagnóstico diferencial: estudo de caso. Trabalho de conclusão de especialização. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2012.

ROSENBERG, R.. História do autismo no mundo. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. *Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo: MEMNON, 2011. P. 19-26.

SCHWARTZMAN, J. S. Condições Associadas aos TEA. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. *Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo: MEMNON, 2011. P. 123-143.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

SOUZA, Liz Passos Nascimento. DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL ENTRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E DISTÚRBO ESPECÍFICO DE LINGUAGEM (DEL). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 1465-1482, 2021.